REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO

POLISHED SHOES, FULL OF GINGA, PROVOKING AND CHALLENGING: THE CROSSROADS OF THE BRAZILIAN TRICK

ZAPATOS PULIDOS, LLENOS DE GINGA, PROVOCANTES Y DESAFIANTES: LA ENCRUCIJADA DEL TRUCO BRASILEÑO

Raqueli Biscayno Viecili
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal/RN, Brasil

Marcílio de Souza Vieira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Natal/RN, Brasil

Resumo: Neste artigo vamos abordar as possíveis origens do Malandro e suas interligações. Nosso principal objetivo é propor uma análise sobre aspectos conceituais e históricos relacionados à figura do Malandro através da teoria dos estudos culturais. Pelas representações sociais, é possível compreender as formas de comportamento, bem como as orientações de ordem cultural que regem as ações individuais e coletivas e as interações da vida social. O Malandro é consolidado a partir dos eixos descritos, ele sobrevive pelo seu caráter atávico e é circulado pela mídia, sendo presente demasiadamente no transcorrer dos tempos, tornando-se atemporal na cultura social e religiosa brasileira.

Palavras Chave: Malandro. Samba Malandro. Religião Afro-brasileira.

Abstract: In this article we will address the possible origins of the Trickster and their interconnections. Our main objective is to propose an analysis of conceptual and historical aspects related to the figure of the Trickster through the theory of cultural studies. Through social representations, it is possible to understand the forms of behavior, as well as the cultural guidelines that govern individual and collective actions and interactions in social life. The Malandro is consolidated from the axes described, he survives due to his atavistic character and is circulated by the media, being present too much in the course of time, becoming timeless in Brazilian social and religious culture.

Keywords: Trickster. Samba Trickster. Afro-Brazilian Religion.

Resumen: En este artículo abordaremos los posibles orígenes del Trickster y sus interconexiones. Nuestro principal objetivo es proponer un análisis de aspectos conceptuales e históricos relacionados con la figura del Tramposo a través de la teoría de los estudios culturales. A través de las representaciones sociales es posible comprender las formas de comportamiento, así como los lineamientos culturales que rigen las acciones e interacciones individuales y colectivas en la vida social. El Malandro se consolida a partir de los ejes descritos, sobrevive por su carácter atávico y circula por los medios de comunicación, estando demasiado presente en el transcurso del tiempo, tornándose atemporal en la cultura social y religiosa brasileña.

Palabra clave: Embaucador. Samba Malandro. Religión afrobrasileña.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

Introdução

> Uma gargalhada quebra o silêncio da noite. Seu Sete da Lira toca sua Viola de Lenço e Cartola. Malandros surgem na noite com características únicas, deixando inebriados cada ser com suas condutas, alegrias, corporeidade, vestimentas, palavras e canções. Deixam histórias contadas, cantaroladas, dançadas em gestos, passos e gargalhadas. O riscar da caixa de fósforo produz o fogo que acende seu charuto e, uma vela, para proteção. Eis a Luz presente! Saúdo Seu Sete da Lira que encanta com sua Viola, Seu Zé Pelintra com seu gingado - a todos os Malandros. Não há um rosto definido, não há uma cor ou um gênero... Malandro é Malandro, sagaz, perspicaz. Todos temos um Malandro que nos acompanha. Sua ancestralidade sempre é muito questionada. Tem seu Jeito e Trejeito, seu olhar, sua dança, seus riscar que o identifica. Pisa suave, miudinho, no pé a sua melhor linguagem, risca chão de uma forma única, cruza e encruza. Um gole de bebida, inebriado na fumaça de seu charuto, esse Malandro compõe seu Samba .(VIECILI, 2023).

Buscar o entendimento de como essas Entidades surgem, sua influência, seus conceitos interligados e pluralizantes, sua corporeidade, vestimenta, ginga, capoeira e música retratam as características que percebem os indivíduos dentro de uma coletividade que permite a compreensão de valores diretamente ligados às nossas origens e a valorização dos saberes ligados às experiências de vida e de tempo de todos nós. Nosso principal objetivo é propor uma análise sobre aspectos conceituais e históricos relacionados à figura do Malandro. A teoria dos estudos culturais (E.C.) foi usada como base metodológica qualitativa para a investigação histórica (EDGAR, SEDGWICK, 2003, p 116). Tal estudo foi realizado através de análises sócio-históricas em artigos e livros, pesquisados e baixados, que possibilitassem a interpretação das representações construídas em torno da passagem do significado do Malandro - sua representação e peculiaridade da cultura brasileira.

Os entrecruzar de caminhos, através de sua história, seu Samba, composição de vestimentas, sua Crença e Religiosidade, pretende esclarecer,

Raqueli Biscayno Viecili; Marcílio de Souza Vieira - SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-25, e1298, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



aprofundar, compilar, indagar e responder os questionamentos que guardamos, que nos aguça e inebria quando o Malandro chega. Para você, o que caracteriza um Malandro e sua malandragem? Com que roupa você o identifica? Qual lugar você o encontra? Mito ou Verdade? Obsceno ou Sagrado? Vida ou morte? Certo ou Errado? Burguês ou A Margem? Laroyê, Mojubá, Saravá!!!

Malandro, Mito ou Verdade – Crenças de um povo

Pesquisando os significados e a origem histórica da figura do Malandro nos deparamos com uma vertente variada e confusa na literatura. Há diversas publicações com diferentes significados quanto a sua origem, vestimentas, características e ideologias, porém todos com um forte sentido sociológico e religioso. Sociológico porque o Malandro seria a perfeita representação do Brasileiro: um sujeito bem-humorado, capoeirista, cheio de ginga no caminhar, sempre escapando dos problemas com o "jeitinho" característico, bom de bola e de samba, carnavalesco zeloso como o personagem do papagaio José Carioca, mais conhecido publicamente como Zé Carioca, criado pelo Walt Disney. Religioso porque tem uma representação forte e significativa na religião afro-brasileira na linha da Malandragem.

Tradicionalmente a expressão "Malandro" é sinônimo de uma pessoa esperta, perspicaz, de palavras sedutoras, cheia de contos, uma vestimenta elegante, expressão corporal e características próprias que o identificam.

O escritor Gabriel Perissé (2010) traz a seguinte definição:

> Uma hipótese para significar o sujeito de comportamento duvidoso é a de que a palavra vem de um casamento estranho entre o latim *malus* ("mau", "errado") e o provençal *landrin* ("preguiçoso", "vagabundo"). Outra possibilidade tem a ver com Dom Quixote. No livro de Cervantes (século

Raqueli Biscayno Viecili; Marcílio de Souza Vieira - SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-25, e1298, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



> XVII), aparece a palavra *malandrín*, com o sentido de "patife". Teria vindo do italiano *malandrino*, significando, na origem, quem era vítima de uma espécie de lepra, denominada em latim vulgar *malandria*. Esta palavra, por sua vez, remete ao grego *mélas* ("negro"), por causa da cor escura da pele do leproso. Na Itália, os ladrões acabariam sendo chamados assim também. O motivo da ligação estaria em que ambos não trabalham, mas os ladrões recorrem ao roubo e não à mendicância. Antenor Nascentes registra uma outra ideia, defendida por João Ribeiro. A palavra teria a ver com 'malandra', doença que ataca as juntas internas dos joelhos dos cavalos e outras cavalgaduras. Provindo do francês malandre (séculos XV-XVI). Atrapalhava o andar dos animais. E este "mal andar", teria a ver com a malandragem, e vagabundagem, o andar por aí, de mau jeito. (PERISSÉ, 14/12/2010 - https://www.portalentretextos.com.br/post/a-etimologia-do-Malandro. Acessado em 02/09/2023).

Zilly (2000, p. 181) sintetiza a palavra "Malandro" em três significados:

> Hoje em dia Malandro é uma palavra multifacetada, com basicamente três significados: 1. (...) personagem oriundo das classes subalternas, principalmente dos morros do Rio de Janeiro (...) sujeito que vive dos expedientes da própria música, da cafetinagem, do jogo do bicho, do bilhar (...) 2. no sentido mais amplo: sujeito fino, esperto, jeitoso, hábil de todas as classes sociais, amigo de boa vida, sociável, eloquente, mentiroso (...) alegre, simpático, avesso ao trabalho duro e contínuo, mulherengo, transgressor de leis e normas morais sem cair no crime. 3. bandido, ladrão, gângster, assassino. A ambivalência dos dois outros conceitos cede lugar a significados puramente negativos, sinônimos praticamente de marginal.

O Malandro pode ser representado por três formas: a primeira é a Culturalista, que, mediada ideologicamente pelos traços culturais da nação, alça o Malandro à categoria de símbolo nacional; a segunda é a Histórica, que, ao situar a figura do Malandro em determinado momento e classe da sociedade brasileira, a relaciona à transformação na figura não conciliadora e a terceira é a Religiosa onde há a crença de que representam uma Falange[1] de Entidades na linha dos Exus[2], onde temos Seu Zé Pelintra[3] o seu grande correspondente.

[1] O termo falange é constantemente empregado como sinônimo de conjunto de entidades espirituais que atuam numa "linha" ou "faixa de vibração". Nas formulações da mãe de santo do Terreiro do Mendanha, esses conjuntos são formados por afinidades dos espíritos, em decorrência das

Raqueli Biscayno Viecili; Marcílio de Souza Vieira - SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-25, e1298, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

Gomes, (1999) já traz outra possibilidade para reflexão sobre a figura do Malandro. Sua história começaria na década de 1880 quando um imenso contingente de escravos obteve sua liberdade. Traumatizados por anos de trabalho compulsório, tais indivíduos teriam, ao se verem livres, abdicado do trabalho regular, identificado à escravidão, passando a viver entre os contingentes marginalizados de cidades como o Rio de Janeiro.

Azevedo (1987) já relata que a fuga generalizada dos escravos alforriados e seus descendentes, por várias décadas após 1888, seria por serem considerados incapazes de servirem como trabalhadores assalariados pelos Senhores comparados aos imigrantes europeus que adentravam no Brasil.

Aproximadamente em 1920, já temos muito bem retratada a figura do Malandro, principalmente na figura cultural urbana Carioca retratado em Sambas, contos e romances (MOREIRA, 2011). Há uma construção sobre a figura do Malandro que se associa a características tais como a esperteza, o encontro de caminhos menos árduos de viver ou ganhar a vida com elegância.

Baião, (2013) caracteriza o Malandro Carioca, segundo a visão do Cronista Antônio Moreira da Silva, como um sujeito elegante, bonachão, bem vestido, cheio de ginga, malícia e esperteza, bem falante e habilidoso com sua infalível e inseparável navalha, à qual dispensa o maior zelo e carinho. Só recorre à violência física em último caso, uma vez que suas principais armas são a inteligência, a

semelhanças apresentadas por suas trajetórias terrenas. Por vezes, a líder religiosa também usa o termo “família”. “Família de malandros”, “família de molambos”, “família de padilhas”, por exemplo.

[2] Exu é uma Entidade alçada da esquerda, moralizada, que ascendeu como Entidade de luz, deixando seu passado abjeto para trás, mas sem perder totalmente seu vínculo, promove curas, dá conselhos sempre acompanhados de sua risada histriônica e sua grandiloquência. E dessa figura da mitologia africana, ele herdou a estrutura deslizante. “Assim, é possível compreender que Exu é, ao mesmo tempo, positivo e negativo. Pai nosso e diabo (DEALTRY, 2009, p. 30).

[3] Outros malandros conhecidos na umbanda brasileira: Zé Tenório, Zé Pretinho, Malandro Camisa Preta, Malandrinho, Malandro do Morro, Zé Navalha, Zé do Coco.

esperteza, o papo ladino, a lábia, artifícios de que se vale recorrentemente em lugar do confronto físico.

Outra característica dessa figura do Malandro é a ginga, um corpo que transita de um lado a outro despertando uma disposição corporal própria da malandragem que foi incorporada à prática da capoeira em sua trajetória histórica numa relação dialética: os Malandros criaram a capoeira a partir de seus corpos e a capoeira criou Malandros a partir de suas técnicas e estratégias. O jeito de andar e agir se misturavam com alguns golpes da capoeira como a ginga[4], as rasteiras[5] e as cabeçadas[6]. Essa relação entre malandragem e capoeira fica mais clara à medida que compreendemos os espaços sociais e simbólicos que a capoeira, uma manifestação cultural criada por africanos e seus descendentes no Brasil, ocupou desde meados do século XIX (SILVA, 2020).

Frazão (2003) consegue categorizar os subtipos de Malandros: Malandro Tradicional; o Malandro "Regenerado" e o Malandro Aposentado. De acordo com o autor citado o primeiro tipo diz respeito ao Malandro-paradigma, adepto da malandragem "clássica", de origem ou ascendência negra (ex-escravo ou descendente) que se celebrizou no imaginário popular através da cultura do Samba, como dono de linguagem, atitudes e indumentária. O segundo tipo se caracteriza como aquele que nega momentaneamente a sua condição, com o propósito exclusivo de livrar-se de alguma situação embaraçosa ou ameaçadora, geralmente ligada à lei e o terceiro tipo desfruta do respeito proporcionado pela fama, devido aos feitos popularizados no passado; ou do que não obteve fama suficiente ou conseguiu mantê-la viva na memória do público.

[4] Ginga: é o passo mais básico, praticamente todos os demais movimentos da capoeira partem da ginga. O lutador mantém um gingado contínuo do corpo, levando uma perna e o braço do mesmo lado alternadamente para frente e para trás, atento para atacar ou se defender.
[5] Rasteira: passa a perna rente ao chão em um movimento circular ou semicircular puxando a perna do adversário desequilibrando-o. Pode ser aplicada estando em pé ou abaixado.
[6] Cabeçada: ato de empurrar o adversário com a cabeça.

Raqueli Biscayno Viecili; Marcílio de Souza Vieira - SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-25, e1298, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Matos (1982) reconhece que o Malandro é o amadurecimento de uma cultura anterior à década de 1920, porém, como já mencionado, é a partir desse ano que ela começa a ganhar destaque nas letras de Samba, projetando o Malandro para muito além de seus limites geográficos ou de sua área de atuação. Para a autora, é a partir dessa data que a figura do Malandro se associa ao sambista e vice-versa. Essa ligação pode ter ocorrido devido à incipiência da indústria fonográfica no Rio de Janeiro e a maior circulação das músicas que retratavam valores ligados à malandragem, como o culto ao não trabalho, a valentia e as aventuras amorosas. Eram os Sambas Malandros.

A política da época relaciona o capoeirista com o Malandro e o Samba. As encruzilhadas traçaram as figuras Malandro, Capoeirista, Samba e política. Misturava cultura com dança, lutas com políticas, divergências e gingados, letras de músicas em manifestações de crenças e religião.[7]

(Re)Existir através do Samba Malandro

> O Samba só pode nascer como sentimento do próprio Malandro. (Nilton Bastos apud GOMES, 2004 p.188).

O Samba desenvolveu-se no Rio de Janeiro a partir de redutos negros, em casas conhecidas como “Casas das Tias Baianas”[8]. As Tias Baianas foram as figuras centrais para a permanência das tradições afro-brasileiras, especialmente Tia Ciata, Tia Carmem, Tia Amélia, Tia Perciliana em terras cariocas. Consideradas por muitos como ‘Matriarcas do Samba’, eram influentes e poderosas. Eram elas as

[7] Sambas como “Lenço no Pescoço” de Wilson Batista (1933), podemos notar que valores estéticos específicos do Malandro como o corpo e a indumentária relacionam o personagem ao samba, ao corpo gingado, a roupa folgada e a capoeiragem.

[8] Grupos imigrados da Bahia, que eram ao mesmo tempo moradia, local de culto e de lazer.

Raqueli Biscayno Viecili; Marcílio de Souza Vieira - SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-25, e1298, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

responsáveis por gerar a estrutura propícia para o rito, protegendo, abrigando, mantendo a comida e a bebida. Quando a roda se forma, as mulheres dançavam, cantavam e davam o ritmo do samba, como tia Ciata. Segundo o depoimento de Tia Carmem, conhecida como Carmem do Ximbuca, tia Ciata:

> "[...] levava meia hora fazendo miudinho na roda. Partideira, cantava com autoridade, respondendo os refrões nas festas que se desdobravam por dias, alguns participantes saindo para o trabalho e voltando, Ciata cuidando para que as panelas fossem sempre requentadas, para que o samba nunca morresse". (CARMEM apud MOURA,1995, p. 100).

As tias baianas eram o elo de união entre os negros que aportavam o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Nas festas familiares nas casas das Tias Baianas, tocava-se e dançava-se o Samba em seus diversos estilos[9]. Muitos deles arranjados na letra e na música por músicos/poetas, urbanos e anônimos. Deste ponto em diante, a música popular definiu-se com extrema rapidez e tornou-se a caracterização mais bela da nossa cultura, a mais completa, mais totalmente nacional. Nesta periferia se reuniam os futuros bambas[10]: Ciata, Hilário Jovino, João da Baiana, Sinhô, Heitor dos Prazeres, Donga, Sinhô, Pixinguinha, Ismael Silva. Esses indivíduos encontrariam seu meio de expressão no Samba, ritmo de origem popular, nascendo nesse momento o Samba Malandro (VIECILI, 2023; SODRÉ, 1998, p. 35; DINIZ, 2012, p. 27).

O Samba Malandro é construído através de um contraponto ao mundo burguês capitalista, mesmo antes do Estado Novo[11]. Naturalmente há um número

[9] samba-choro, samba-canção, samba de terreiro, samba de exaltação, samba-enredo, samba de breque, sambalanço, samba de gafieira, bossa nova, samba-jazz, samba de partido alto, samba de morro, samba de quadra e samba rock.

[10] Compositores pioneiros e responsáveis pela construção do samba.

[11] Getúlio Vargas decretou o Estado Novo em 1937. Marcado pela busca do controle através da violência policial, garantindo o exercício pleno do poder.

Raqueli Biscayno Viecili; Marcílio de Souza Vieira - SAPATO LUSTRADO, CHEIO DE GINGA, PROVOCO E DESAFIO: AS ENCRUZILHADAS DO MALANDRO BRASILEIRO. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-25, e1298, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



infindável de canções tratando de temas como infidelidade, boemia e as diversas formas de viver fora do mundo do trabalho assalariado.

> Meu chapéu do lado/ Tamanco arrastando/ Lenço no pescoço/ Navalha no bolso/ Eu passo gingando/ Provoco e desafio/ Eu tenho orgulho/ Em ser tão vadio.// Sei que eles falam/ Deste meu proceder/ Eu vejo quem trabalha/ Andar no miserê/ Eu sou vadio/ Porque tive inclinação/ Eu me lembro, era criança/ Tirava Samba-canção/ (Comigo não/ Eu quero ver quem tem razão)// E ele toca/ E você canta/ E eu não tô. (Composição de Wilson Batista, 1933).[12]

Esta nova representação pode ser observada claramente no "Hino da Malandragem", o Samba "Lenço no Pescoço", de Wilson Batista (negro, de origem humilde e habitante do morro), gravado por Sílvio Caldas em 1933. A música traz a expressão de um Malandro alegre, habitante do morro, que fazia Sambas por prazer e não por interesse financeiro.

Noel Rosa, cantor, compositor e músico carioca que se destacou sobretudo como sambista provavelmente percebendo que a letra de Wilson Batista ia no sentido contrário ao que era idealizado pela política de Vargas[13] e que esse estereótipo poderia gerar problemas com a polícia – provavelmente como uma estratégia para a continuidade do jogo social do Malandro, que muda na aparência, porém mantém a sua essência – escreveu em "Rapaz Folgado":

> joga fora essa navalha/ que te atrapalha/ com chapéu de lado desta rata/ da polícia quero que escapes/ fazendo um Samba canção/ já te dei papel e lápis/ arranja um amor e um violão/ Malandro é palavra derrotista/ que só serve para tirar/ todo o valor do sambista. (Composição de Noel Rosa, 1934)[14].

[12] Lenço no pescoço. (Wilson Batista) Gravação de Claudia Ventura e Rodrigo Alzuguir. O Samba carioca de Wilson Baptista. Biscoito Fino. 2013. Disco 2. Faixa 11.
[13] O governo, por meio do medo e de toda a instabilidade que isso gerava à população, iniciou a política de valorização do trabalho e o processo de "domesticação" da malandragem.
[14] Rapaz folgado. (Noel Rosa) Gravação de Claudia Ventura e Rodrigo Alzuguir. O Samba carioca de Wilson Baptista. Biscoito Fino. 2013. Disco 2. Faixa 12.

Para Wilson Batista, a malandragem está relacionada ao mundo marginal habitado pela população negra e que trazia consigo símbolos que afirmavam esta identidade. Já a discordância de Noel Rosa em 1934 foi evidenciada principalmente através do Samba "Feitiço da Vila", onde o compositor propôs a supressão dos elementos que associam o Samba ao estigmatizado universo do negro para, com isso, ser possível a aceitação do sambista pela sociedade.

> A Vila tem um feitiço sem farofa/ Sem vela e sem vintém/ Que nos faz bem /Tendo nome de princesa/ Transformou o Samba/ Num feitiço descente/ Que prende a gente. (Composição de Noel Rosa, 1934).[15]

Durante a vigência do governo Vargas, entre 1930 e 1954, o "Malandro Legendário" foi prestigiado como uma espécie de anti-herói que povoaram as composições da década de 1930, é substituído e continuado na de 1940 pela figura ambígua do 'Malandro Regenerado'[16].

O universo das relações de trabalho, tais como assimetricamente instituídas pelas instâncias hegemônicas do poder econômico em nossa sociedade capitalista, causaram verdadeiras urticárias ao Malandro, que delas procurava fugir como o diabo da cruz.

José Flores de Jesus, Filho de Josué Vale da Cruz, um marinheiro que tocava cavaquinho e neto do flautista e pianista João Dionísio Santana cresceu ouvindo as cantorias nas reuniões musicais de sua casa, das quais participavam nomes famosos da música popular brasileira como Pixinguinha, Cândido das Neves, entre outros. Um dos principais compositores da Escola de Samba Portela, cantou o Samba, as favelas, a malandragem e seus amores. Conhecido como um Malandro

[15] Feitiço da Vila. (Noel Rosa) Gravação de Claudia Ventura e Rodrigo Alzuguir. O Samba carioca de Wilson Baptista. Biscoito Fino. 2013. Disco 2. Faixa 14.

[16] Era necessário regenerar o malandro. Para não ser preso de fato e continuar fazendo samba, o Malandro teve que se reinventar e começar a cantar a apologia ao trabalho, sustentar que o trabalho enobrece o homem e, que Deus ajuda a quem cedo madruga.

Tradicional, trazia em suas letras que o Malandro trabalhava sim e arduamente como a composição de “Negra Dina” em 1964:

> Quando ela chegou/ Fazendo um escândalo, fazendo quizumba/ Dizendo que levou/ Meu nome pra macumba/ Só porque faz uma semana/ Que não deixo uma grana/ Pra nossa despesa/ Ela pensa que minha vida é uma beleza/ Eu dou duro no baralho/ Pra poder comer/ A minha vida não é mole, não/ Entro em cana toda hora sem apelação/ Eu já ando assustado, sem paradeiro/ Sou um marginal brasileiro!.[17]

Nessa mesma vertente Ismael Silva, um dos pioneiros do Samba Malandro entre nós, juntamente com Nilton Bastos, Francisco Alves, Noel Rosa e Orlando Luiz Machado compuseram em parcerias diversos Sambas sobre um dia típico de “expediente” da malandragem: “Já Desisti”, “Não há”, “O que será de mim”, “Escola de Malandro” ...

Dessa forma o Samba e a Malandragem se tornam um mundo à parte ocupando um lugar especial. A malandragem seria reconhecida como fenômeno típico do pitoresco ambiente, enquanto o Samba viria a ser visto como a sua mais pura expressão cultural. Pode-se notar que o processo de valorização dos morros como espaços onde a alma popular se manifestaria livremente surge com mais força exatamente no período em que o Samba Malandro chega ao sucesso: a virada da década de 1920 para os anos 1930. (GOMES, 2004)

> Gente do Samba! Gente das ruas, dos becos, das vielas, dos botequins, dos morros, dos bailes, das noites e do Amor e do Sonho da Cidade. Gente que mal escreve, pior lê, mas que nos dá um tesouro de coisas que se escrevam e se digam sobre os mais belos e naturais motivos da alma humana. (Gente do Samba, Carlos Cavalcanti, A Crítica, 22-3-30).

[17] Negra Dina. Intérprete: Zé Renato. In: RENATO, José. Natural do Rio de Janeiro: sobre os Sambas de Zé Kéti. MP,B, 1996, CD.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

Indumentária: Símbolo de sua Identidade

> Vesti meu terno branco de domingo/ Lenço de seda no pescoço/ e com ar de bom moço/ O morro desci/ Botei meu cavaquinho a disposição/ Da poesia, pois há tempos queria/ Sentir no meu peito/ Tamanha emoção… (Composição de João Nogueira, 1979)[18].

A indumentária é uma característica de extremo valor em sua linguagem simbólica e cultural para a cultura da figura do Malandro que tem uma construção única em sua vestimenta que o define e o qual podemos ler e ver aspectos fundamentais do processo de construção da sua identidade social. A *roupa* é um símbolo de sua identidade e, neste sentido, pode ser vista como expressão de uma técnica corporal.

Os Malandros possuem um gosto apurado, muitos usam o degagé suburbano[19], a elegância de suas roupas chama a atenção. O cabelo é sempre bem arrumado, uns com bigode fino, feito na Navalha, outros com a barba bem desenhada. O calçado é conforme a moda, com os aperfeiçoamentos exigidos, encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão. O mistério, a música, o sorriso, olhar malicioso, perfume que exala a distância, era bem um elixir ou talismã de amor, conforme aponta Barreto (2012a, p. 84-86).

Jota Efegê, (1985) relata que no início do século XX, por volta de 1910, o Malandro traz a preferência do terno branco, caprichosamente engomado e bem lustroso como traje convencional dos boêmios, sambistas, Malandros e capoeiras. Juntando ao terno um sapato alto ‘carrapeta’, calça ‘boca de sino’, ou tipo ‘bombacha’ com a boca bem estreita, o paletó bastante amplo, para que lhe

[18] Composição de João Nogueira, Álbum Clube do Samba, 1979, Lado 2, Faixa 4.

[19] Sem acanhamento, muito senhor de si; sem constrangimento, despreocupado; roupas que chamavam a atenção dos outros.

facilitasse os movimentos na oportunidade de qualquer entrevero exibindo na elegância devida e navalhas à mão.

Dias Gomes e Ferreira Gullar em sua peça “Dr. Getúlio, sua Vida e sua Glória” (1968) retrata o Malandro mais urbano, sua vestimenta aponta para a distinção social, utilizam elementos visuais e performáticos dos sambistas e valentões da Lapa dos anos 1930. O terno branco do Malandro, cuja indumentária se confunde com suas qualidades humanas, traz a vestimenta de uma calça de linho branco, uma camisa colorida e sapatos de duas cores. É sorridente, comunicativo, envolvente, exuberante de gestos, mais ‘largado’ no andar. A imagem do Malandro na sociedade brasileira. Malandro de antigamente, Malandro autêntico, era homem, até certo ponto, honesto. Tinha dignidade, era consciente do seu valor, da sua profissão. Vivia sempre limpo, usava camisa de seda-palha com botões de brilhantes, gravata de ‘tussot’, branca, sapato tipo ‘carrapeta’ (salto mexicano, relançado ultimamente). Na cabeça, chapéu do Chile, de conto-de-réis. Os dedos cheios de anéis, a carteira estufada de cédulas de cem.

A navalha, o violão, a caixa-de-fósforos, o chapéu de palha, os anéis nos dedos, cada um desempenha um papel fundamental na caracterização da personagem. Há o Malandro da Camisa Preta, cujo nome é o registro de um hábito deste personagem, que só usava camisa de cor negra – mais um dos muitos Malandros que engrossaram a lista dos temíveis e respeitados valentes que povoaram as ruas da Lapa carioca até os anos 1940. No sertão Nordestino, no catimbó[20], de acordo com o pesquisador Ligiéro (2004), o Malandro é um Mestre com os pés descalços, camisa e calças brancas, chapéu de palha, lenço vermelho no pescoço, um sertanejo apessoado.

[20] Catimbó é um conjunto de práticas religiosas brasileiras, oriundas de raiz indígena e com diversos elementos do cristianismo e, dependendo do lugar onde é praticado, influências africanas também notáveis. O Catimbó baseia-se no culto em torno da planta Jurema.



Para Menezes (2013), a categoria conhecida como “Malandro”, pode aparecer descrita de formas diferentes. O Juremeiro no Nordeste do país, é conhecido como José Pelintra no culto Catimbó ou Jurema[21] cujas vestes eram costumeiramente camisa comprida branca ou quadriculada, com mangas dobradas e calça branca dobrada nas pernas, com os pés descalços e com um tecido amarrado no pescoço, nas cores vermelha ou outras. Utilizava também uma bengala e um cachimbo, (típico dos caboclos que trabalhavam na linha dos índios brasileiros que usavam ervas e rezas para curar e proteger seus fiéis).

Outro tipo seria o Zé Pilintra das Almas (apreciado em São Paulo e Bahia), veste-se com roupas de algodão (comum entre os escravos) e chapéu de palha, tendo como diferencial somente seu lenço ou cachecol vermelho e uma fita, também vermelha no chapéu. Sua bengala se refere à ascendência de antigos sacerdotes do Candomblé. Essa entidade tem como poder, desfazer feitiços e mazelas de seus seguidores. E por último, é Zé Pelintra (Malandro carioca), possui como vestimenta: o terno branco, sapato de cromo, gravata de cor grená ou vermelha e chapéu estilo panamá de fita vermelha ou preta, os quais se assemelhavam aos *zoot suits*[22] usado por americanos negros e de origem latina como emblema de seu orgulho étnico e alienação da sociedade dominante.

Rocha (1986), relata que a indumentária deste Malandro vem dos capoeiristas, que tinham regras rígidas, tais como não usar de arma de fogo, sendo permitido somente navalha; não comparecer ao trabalho às segundas, usar o gingado próprio e ser fiel com sua roupa que era composta de roupas brancas, calça pantalona com boca de sino, camisa ou terno de linho com sapato de bico fino. No

[21] O Catimbó-Jurema é um culto híbrido, nascido dos contatos ocorridos entre as espiritualidades indígena, europeia e africana, contatos esses que se deram em solo brasileiro, a partir do século XVI, com o advento da colonização.

[22] O Zoot Suit é uma versão exagerada do corte de drapeado londrino, uma silhueta onde a cintura do paletó é apertada mas o peito e as costas tem um pouco mais de tecido e estrutura, dando a seu usuário uma figura mais atlética.

pescoço quase sempre usavam um lenço de seda que funcionava como proteção de navalhadas; na cabeça um chapéu e nas mãos uma faca, navalha ou bengala para qualquer imprevisto.

Esses capoeiristas costumavam viver na boemia junto com as prostitutas, vagabundos, aristocratas, imigrantes e intelectuais. O uso do branco servia para acusar as marcas de queda no chão; já o chapéu, era o que diferenciava as Maltas[23]. Haviam várias maltas no Rio de Janeiro e cada uma comandava uma região, mas dentre todas, tiveram duas que mais se destacaram: os Guaiamuns[24] e Nagoas[25]. Os chapéus eram sinais que diferenciavam os integrantes das duas grandes Maltas. Os Nagoas usavam um chapéu com uma cinta de cor branca sobre o vermelho e as abas para frente e para baixo. Os Guaiamuns usavam um chapéu com uma cinta de cor vermelha sobre a branca e as abas para frente e para cima.

Já o Malandro Seresteiro do Morro traz outro tipo de indumentária: se apresentava com chinelo, camisa listrada e chapéu de palha e se difere muito do Malandro “alinhado” capoeirista que frequentava os cafés e bares da Lapa na cidade do Rio de Janeiro. Com certeza não há um único tipo de Malandro, ao contrário, parece haver mesmo um sistema da malandragem em que o Malandro do morro se veste diferente do Malandro da Lapa carioca que, por sua vez, também é diferente do Malandro do carnaval e do Malandro do sertão (catimbozeiro), Malandro capoeirista, Malandro burguês, Malandro aposentado, redimido ou arrependido (HALL, 2006).

---

[23] nome dado aos grupos de capoeiras que disputavam a geografia da cidade e ficaram famosos por seus serviços durante as eleições, representando os partidos políticos da época:

[24] atuavam na região central, chamada Cidade Nova. Eram ligados aos Republicanos do Partido Liberal; tinham uma tradição mestiça, absorveram muitos imigrantes, crioulos, homens livres e intelectuais.

[25] atuavam na periferia, chamada de Cidade Velha. Eram ligados aos Monarquistas do Partido Conservador; e tinham uma tradição escrava e africana.



> Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí. Em vez de tomar chá com torrada ele bebeu parati. Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão. E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão. (Composição de Assis Valente, Camisa Listrada, 1937)[26]

Ligiéro (2002), traz que a preferência pela cor branca difere da relação do capoeirista e está em relação íntima com os cultos afro-brasileiros, tanto para a nação Iorubá quanto para o Congo Angola. Para a primeira, o branco tem o significado da criação e procriação; e a segunda, um encontro com a morte ou com o universo dos ancestrais, cuja encruzilhada passeia o Malandro.

Em suma, a roupa está colada no corpo do Malandro como se fosse uma segunda pele, parte de seu ser, constituição de sua alma. Estabelece uma relação de um conjunto de representações que fazem do Malandro um ser especial e enigmático. Os tecidos de linho ou seda, as cores branca, preta ou vermelha, o sapato de salto (carrapeto, chinelo, cara-de-gato), a gravata ou o lenço no pescoço, chapéu de panamá ou de palha – sugerem uma variação de sentidos e ao mesmo tempo características únicas do Malandro.

Crença ou Mito? A Falange dos Malandros. Laroyê EXU!!!

Alexandre Cumino (2015, p 33) relata que “[...] nada surge do nada, nada há de novo sob o sol, todas as religiões são formadas de cultos e culturas anteriores, que lhe emprestaram símbolos, ritos e mitos combinados e ressignificados”. A Umbanda também é uma mistura de religiosidade, de símbolos, de ritos - não é de uma única etnia (do negro, branco ou vermelho) mas sim, a união delas para uma única direção, conforme as reflexões de Saraceni (2015, p.121). Exu na religião afro-

[26] Composição de Assis Valente, Camisa Listrada, 1937, Intérprete Carmen Miranda, Grupo da Odeon
(Odeon 11530), 1937.



brasileira é considerada a Entidade responsável pelos caminhos e encruzilhadas de nossas vidas. É quem aproxima o sagrado e os humanos, entre os homens e os orixás.

Nessa religião existem as Falanges que são agrupamentos de espíritos afins que possuem a mesma vibração. Podemos dizer que há a Falange Exus Malandros tendo como sua principal referência Zé Pelintra que representa uma figura singular e transgressora, histórica e ficcional, que pertence a vários universos a um só tempo. Alguns dizem que seus primeiros passos foram no catimbó no nordeste brasileiro. (LIGIÉRO, 2004, p. 25)

Segundo Prandi (2014, p.7), Zé Pelintra é um Encantado - são espíritos de homens e mulheres que passaram diretamente para o mundo mítico, invisível sem a dor da Morte.

Seu Zé, nessa ambiência de circulação de sentidos mito-religiosos, dos dialogismos e da multiculturalidade, ora é reconhecido como Exu, ora como Mestre – um arquétipo sob influências europeias, africanas e indígenas. Por fim, Seu Zé é um dos mais importantes mitos da encantaria nacional. Representa nosso Malandro se ancestralizando e sendo firmado no imaginário indígena e africano. Zé Pelintra é um Exu, da Linha dos Malandros, uma entidade da esquerda, moralizada, que ascendeu como entidade de luz, deixando seu passado para trás, mas sem perder totalmente seu vínculo; tendo a permissão de transitar nas diferentes linhas (da esquerda – Exus e Pombagiras – e da direita – Caboclos, Pretos Velhos, Erês), promovendo curas e dando conselhos.

Essa figura da mitologia afro-brasileira pode ser positiva e negativa. Os pares não se excluem, agregam-se. Seu Zé possui a capacidade de quebrar a tradição e as regras, de questionar o socialmente, de promover mudanças (DEALTRY, 2009, p. 30).



Zé Pelintra, Zé Pilintra, Seu Zé, Zé Pretinho, Zé Baiano, Zé das Almas - não importa seu nome, mas é ele o responsável pela abertura das encruzilhadas de nossas vidas. Chega com seu gingado, sua indumentária característica, sua bengala, cachimbo, inebriado pela fumaça, dá conselhos, quebra demandas com sua gargalhada. A noite é sua casa, as encruzilhadas sua morada. O sorriso faceiro seu encantamento - magnetiza a quem em seus olhos tiver coragem de olhar. Sabe onde pisa, pisa devagarinho, entende as entrelinhas, traduz os enigmas ao mesmo tempo que joga outros. O Baralho sempre está em seu Bolso, pronto para dar as cartas, assim como a navalha a todo mal cortar.

Malandro, na religião afro-brasileira, pode ser considerado a potência de todas as formas de linguagem, comunicação e criação; é a Entidade que mais se assemelha a nós, encarnados. O corpo como o território primeiro de cada um dos seres no mundo. O corpo de múltiplas potências e sabedorias. O corpo que tudo dá! Será através da perspectiva dos saberes corporais (TAVARES, 2014).

> É Seu Zé que tá chegando/ Zé Pilintra aqui chegou/ Eita Zé que é arretado/ Oxalá quem te mandou/ Pai Ogum é seu amigo/ Pela esquerda ele andou/ Bebeu cachaça com Exu/ Com Pomba Gira ele dançou/ …/ Ele quebra a demanda/ Catimbó despedaçou/ Eita seu Zé que é mulherengo/ Seu Zé Pilintra é do amor/ …/ Salve, seu Zé! (Composição de René Sobral, 2022)[27].

Durante as manifestações dos Malandros percebemos indumentária e acessórios característica do Malandro Carioca, elegantes, sapatos bicolores brilhantes. Bebem de tudo, da cachaça ao uísque, fumam cigarros, cachimbos e charutos. São cordiais, alegres, dançam a maior parte do tempo quando se apresentam. Sábios, têm capacidade espiritual bastante elevada para orientar em

[27] Composição de René Sobral, 2022, disponível em https://youtu.be/0ABVoPNdTak?si=iSvpz7bkohDhRHZR

diversos assuntos. São curandeiros, desamarram, desmancham, protegem e abrem caminhos.

Assim como há os Malandros cuja referência é seu Zé, há também as entidades femininas da malandragem, tais como Maria Navalha, Maria do Cais, Maria Quitéria, as quais manifestam-se com as mesmas características dos Malandros, mas sem perderem a feminilidade, a vaidade, ou o gosto por presentes e pelas flores (sobretudo vermelhas).

> Ela Traz uma Navalha que corta o mal e a injustiça/ Protegida de Zé Pelintra, Maria Navalha não brinca… (Ponto[28] cantado de Maria Navalha por Juliana D'Passos[29]).

A malandra busca sua autonomia, sua independência, quebrar as regras e diminuir as cargas e dramas emocionais de uma mulher que não se submete aos padrões modernos excludentes. Sua forma de se manifestar traz as características da Falange da malandragem em contrapartida "mais feminina". São ótimas em falar de assuntos relacionados a conflitos sociais vivenciados pela mulher e vêm para trazer a mensagem de que o espaço social da mulher deve ser igual ao do homem. A presença feminina através da valorização da mulher, aquela que pode frequentar o bar, à noite, aquela que pode fumar o seu cigarro, seu charuto, beber uísque e tudo isso sem perder a sua integridade/feminilidade. Muitas malandras trazem esse arquétipo da valorização social da mulher e isso vai permitir que a mulher possa ter também o direito de errar.

PONTES CONCLUSIVAS

[28] Cânticos ritualísticos acompanhados por percussão em atabaques.

[29] Disponível em https://youtu.be/sFMGpAcmFsI?si=h8S9C93_YkmIjg2T

Através das representações sociais, segundo Denise Jodelet (2001), é possível compreender as formas de comportamento, bem como as orientações de ordem cultural (religiosa, econômica, moral, estética etc.) que regem as ações individuais e coletivas e as interações da vida social. A representação é sempre sobre algo e de alguém. Representar diz respeito a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a algo, que "pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria, pode ser tanto real quanto imaginário" (JODELET, 2001, p. 22). A representação é uma forma de saber que se constitui de acordo com o contexto, condições e experiências na qual está inserida e, a partir daí, leva o sujeito a se ajustar a seu meio social e por isso é capaz de explicar as teorias populares, senso comum e saberes cotidianos.

A representação social do Malandro nasceu de um contexto sócio-cultural-religioso onde mescla regiões diferentes do Brasil e suas características próprias. No Rio de Janeiro em que as classes menos abastadas financeiramente perderam espaço no centro urbano, sendo deslocadas para o subúrbio, o Malandro ganha uma dimensão enorme sendo a representatividade da forma de ganhar a vida referente ao contexto da época.

O Malandro é consolidado a partir dos eixos descritos acima, ele sobrevive pelo seu caráter atávico e é circulado pela mídia, sendo presente demasiadamente no transcorrer dos tempos, ou seja, tornando-se atemporal na cultura social e religiosa brasileira. Por maior que seja a mudança de época, expressão, sacralidade, rito, ele sempre mantém o caráter de alma passado para o corpo em suas reproduções e sentidos, sendo essa sobrevivência além de algo cultural e alimentando o inconsciente coletivo brasileiro. O Malandro ginga como um capoeirista, circula, salta, dança, canta e encanta, sorriso sempre no rosto sabe das



artimanhas, faz amizade tão fácil quanto a inimizade, toma cachaça, uísque ou cerveja, possui jogo de cintura, vira o jogo sempre a seu favor, magnetismo tem de sobra e se duvidar, o violão 7 cordas, o cavaquinho, o pandeiro, o Samba Malandro te convence e dá a certeza de seu acerto.

O Malandro, Entidade da linha religiosa afro-brasileira, está disperso em vários atributos dos personagens, desde vestimentas até na performance, é o sopro de vida (Exu), é forte e sutil batida da percussão trazendo seu olhar inebriante o trançar das pernas exalando o Samba. Em cada verso composto e cantado seu protesto nas entrelinhas como enigmas.

Suas origens ainda são um pouco nebulosas pela sua diversidade de fatores relacionados às crenças e mitos sócio-religiosos-históricos-culturais. Sua indumentária varia conforme sua naturalidade. Seu simbolismo é atemporal. Porém suas características são um emblema único e peculiar, preservadas nos mínimos detalhes. Nas encruzilhadas da Vida o Malandro está enraizado na cultura brasileira, sendo a sua grande representação no personagem caricaturado, na música, na vestimenta, no mito, na crença religiosa. Assim peço Agô a Todos os Malandros e Malandras. Saravá, Laroyê, Mojubá.

Referências:

AZEVEDO, Célia M. M. *Onda Negra, Medo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

BAIÃO, José Geraldo Pereira. *Malandro é Malandro, mané é mané: a exaltação da malandragem na música de Moreira da Silva*. Música Popular em Revista, Campinas, ano 1, v. 2, p. 104-120, jan.-jun. 2013.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012a.

BATISTA, Wilson; ALVES, Henrique. RCA Victor, 1933. Acesso em: maio 2023



CUMINO, Alexandre. *História da Umbanda*: uma religião brasileira. São Paulo: Madras,2015.

DEALTRY, Giovanna. *Malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

DIAS, Gomes & FERREIRA, Gullar. *Dr. Getúlio, sua Vida e sua Glória*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, pp. 5-6.

DINIZ, André. *Almanaque do Samba*: a história do Samba, o que ouvir,o que ler, onde curtir.Rio de Janeiro: Zahar, 2011

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria Cultural de A a Z.* Tradução: Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.

FRAZÃO, Rosenberg Fernando de Oliveira. *Malandragem e ordem social*: (um estudo da autoridade malandra através do Samba e da literatura) Recife, O autor, 2003.

GOMES, T. M. *Gente Do Samba*: Malandragem E Identidade Nacional No Final Da Primeira República. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 9, p. 171-198, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade***.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006

JODELET, Denise*. Representações sociais:* Um domínio em expansão. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, 2001.

JOTA, Efegê. "*Para ir à Festa da Penha fazia-se uma 'beca' nova*", Meninos, Eu Vi. Rio de Janeiro, FUNARTE-INL, 1985.

LIGIERO, Zeca. *Malandro divino*: a vida e a lenda de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa Carioca. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MATOS, Claudia. *Acertei no milhar: Samba e malandragem no tempo de Getúlio.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MENEZES, Mariana da Costa. *Trabalhar só obrigado, por gosto ninguém vai lá*: exaltação da malandragem e cultura do trabalho no Brasil da Era Vargas (1930-

1945); 2013; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Abi - História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro; Orientador: Demian Bezerra de Melo;

MOREIRA, Jorge F. F. *Da navalha ao berimbau*: a malandragem no imaginário da capoeira carioca. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2011.

MOURA, Roberto. Prefácio in LIGIÉRO, Zeca. *Malandro divino*: a vida e a lenda de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa carioca. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2004.

NETO, JAR. *A Pedagogia De Exu*: Educar Para Resistir E (R)Existir. Revista Calundu – Vol.3, N.2, Jul-Dez 2019

NOEL Rosa. *Noel por Ione*. Gravadora. [Música-CD ROM]. Dabliú Ano: 1932.

PERISSÉ, Gabriel. *Palavras e Origens*: considerações etimológicas. Disponível: http://palavraseorigens.blogspot.com Acessado em 30/06/2023

PRANDI, Reginaldo. Prefácio in CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras*. Uma construção teológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROCHA, G. *Eis o malandro na praça outra vez:* a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70. Scripta, v. 10, n. 19, p. 108-121, 18 dez. 2006.

RUFINO, Luiz. Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. *Tese de Doutorado*- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

RUFINO, Luiz. Performances Afro-diaspóricas e Descolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. Antropolítica - *Revista Contemporânea De Antropologia,* 1(40). Niterói, p.54-80, 1. sem. 2016

SARACENI, Rubens. *Os arquétipos da Umbanda*: As hierarquias espirituais dos Orixás: Volume 1 Capa comum – Edição padrão, 1 janeiro 2007

SILVA, Renata de Lima; FALCÃO, José Luiz Cirqueira; MIRADA, Elderson Melo. A presença do riso na Capoeira Angola. *Urdimento*, Florianópolis, v.2, n. 38, ago./set.2020

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1998.

TAVARES, Júlio Cesar. *Dança de guerra- arquivo e arma*: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-Brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

VALENTE, Assis. *Camisa Listrada* - Cifra Club, https://www.cifraclub.com.br/assis-valente/camisa-listrada/. Acessado em 30.06.2023

VIECILI, R. B.; DE SOUZA VIEIRA, M. Samba: da margem social à identidade nacional. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, *[S. l.]*, v. 21, n. 46, p. 92–105, 2023.Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/21760. Acesso em: 17 ago. 2023.

ZILLY, Berthold. João Antônio e a desconstrução da malandragem". In: Ligia Chiappini, Antonio Dimas, Berthold Zilly (orgs.). *Brasil, país do passado?* São Paulo: Boitempo: 2000, p. 173-194.

Raqueli Biscayno Viecili
Fisioterapeuta, Doutora em Ciências Pneumológicas, Dançarina de Dança a Dois, Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa CIRANDAR (UFRN) e do Grupo de Pesquisa Estesia (UFRN).
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-0174-7610
E-mail: raqueli@vieci.li

Marcílio de Souza Vieira
Bolsista de Produtividade em Pesquisa Cnpq – Nível 2, Pós-Doutor em Artes (UNESP) e Educação (UFPB). Doutor em Educação (UFRN), Professor do Curso de Dança da UFRN. Líder do Grupo de Pesquisa CIRANDAR, Artista da Cena
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2034-0796
E-mail: marciliov26@hotmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 05 de setembro de 2023
Aceito em 30 de outubro de 2023



Editor: Júlia Maria Hummes

ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/.